

Collegamento pro Sindone Internet - Outubro 2002
© Todos os direitos reservados

O SANTO SUDÁRIO
I CONGRESSO INTERNACIONAL
II CONGRESSO BRASILEIRO
27, 28 e 29 de junho de 2002
Rio de Janeiro – Brasil

CONTEMPLANDO O ROSTO DE DEUS?

Perspectivas pastorais
(tradução do original em Espanhol)

Rafael Guillermo de la Piedra Seminario

Lima, abril de 2002

CONTEMPLANDO O ROSTO DE DEUS?

Perspectivas pastorais

1. Situando-nos um pouco...

1.a. Aonde queremos chegar?

Uma pergunta que cada um de nós deve fazer-se é qual a importância e o alcance do que podemos dar categoricamente em relação ao Santo Lençol de Turim? Qual é o limite das nossas afirmações? Até onde podemos chegar? Que podemos afirmar? Qual seria o eco e a repercussão das nossas conclusões?

Provavelmente nem nós mesmos tenhamos as respostas claras a estas perguntas, já que no fundo, tocaríamos suavemente e arranharíamos levemente o mistério de um Homem-Deus que «habitou entre nós» e que «os seus não o receberam»¹. A partir de nossos limitados conhecimentos queremos abrir-nos a uma realidade que vai além da nossa compreensão categórico-racional. Talvez, por isso o Papa João Paulo II afirmou: «o Santo Lençol é um desafio à inteligência»². Certamente, este desafio se apresenta fascinante...

Descobrir a relação deste linho e os fatos da história da vida de Jesus foi sempre uma forte atração para milhares de pessoas. Isto foi intensificado a partir da primavera de 1898 quando o advogado e fotógrafo Secondo Pia tirou a primeira fotografia do Lençol Santo. «Trancado no meu quarto - escreveria mais tarde Secondo Pia em sua Memória – concentrado totalmente em meu trabalho, experimentei uma intensa emoção quando, durante o processo de revelação vi pela primeira vez aparecer a Santa Face na placa, com tamanha claridade, que fiquei congelado»³. Creio que essa fascinação é a mesma que exerce o Santo Lençol a cada um que se encontrou com Ele.

Vamos fazer, pouco a pouco, o percurso lógico até onde queremos chegar. Antes de mais nada, iniciemos com a pergunta mais simples: o lençol que se encontra na Catedral de Turim é autêntico ou é uma falsificação? Se fosse uma falsificação, qual seria o motivo para fazê-la? Se descartarmos a falsificação, já que é um objeto único e irrepetível e não há fundamento válido para argumentar uma origem fraudulenta, será realmente a marca deixada por um verdadeiro crucificado ou é, por outro lado, uma macabra montagem realizada com um cadáver?

Se afirmarmos que as marcas correspondem efetivamente a um crucificado com todas as características de uma pessoa que viveu na Palestina do século I, de que crucificado estaríamos falando? Podemos identificá-lo? Conhecemos o seu nome? Podemos afirmar que é Jesus de Nazaré? Finalmente, cai pelo seu próprio peso a seguinte pergunta: o Lençol que se encontra na catedral de Turim é o mesmo que se descreve nos últimos capítulos dos Santos Evangelhos?

Creio que esta é a questão final, a que tantos cientistas, teólogos e leigos em geral querem chegar. Nada mais e nada menos. Queremos chegar ao ponto de afirmar categoricamente que temos o Santo Lençol que envolveu o bendito corpo de Nosso Salvador e Reconciliador na sua passagem da morte à vida. Aqui, sem dúvida nenhuma, todos queremos chegar.

¹ Ver *João 1,1-18*.

²S.S. Juan Paulo II, *Discurso durante a celebração da Palavra na Catedral de Turim diante da Santa Síndone*, 24/5/1998,2.

³ *Sindon* n 5 .pg. 52

No entanto, soa forte uma pergunta que provém das considerações anteriores: por que? Por que Deus quis deixar-nos seu rosto passível e sereno sobre este Lençol? Por que quis deixar-nos esta «insigne relíquia ligada ao mistério da nossa redenção?»⁴ Qual é a mensagem do Santo Lençol para o homem deste novo milênio? O que é que o rosto do Crucificado do Santo Lençol quer transmitir-nos? Justamente o que pretendemos, nesta conferência, é deixar algumas pautas sobre as considerações teológicas e pastorais do Santo Lençol em relação ao desafio da Nova Evangelização que sua Santidade João Paulo II lançou para este novo milênio da fé.

1.b. A quem nos dirigimos?

«Já não estarão seguros em nenhuma parte do mundo», escutávamos aterrorizados depois da destruição suicida de 11 de setembro de 2001. Talvez uma das mais dramáticas, porém realistas conclusões que o homem e a mulher chegaram depois dos desastrosos acontecimentos que sacudiram a história contemporânea, é justamente essa: «já não temos segurança em nenhuma parte, não somos invulneráveis, não somos eternos». A sensação de desamparo, medo e temor que reinou, não somente nos Estados Unidos da América, mas também no mundo inteiro, marcou, sem dúvida, a alvorada do nosso novo milênio.

Esta realidade não corresponde à descrição que o Papa fez na sua primeira visita a Turim? «O temor atormenta também à geração contemporânea dos homens. Experimentado-o de maneira acentuada. Talvez, mais profundamente aqueles que são conscientes de toda a situação do homem e que ao mesmo tempo, aceitaram a morte de Deus no mundo humano. O temor não se encontra na superfície da vida humana»⁵.

O temor não se encontra na superfície da vida humana. Apesar de alcançar grandes conquistas e avanços em muitas áreas o homem se descobre frágil e fraco. «Contudo, diante da evolução atual, cada dia são mais numerosos os que formulam perguntas primordialmente fundamentais ou as percebem com nova acuidade. O que é o homem? Qual é o significado da dor, do mal, da morte que, apesar de tanto progresso conseguido, continuam a subsistir? Para que aquelas vitórias adquiridas a tanto custo? O que pode o homem trazer para a sociedade e dela esperar? O que se seguirá depois desta vida terrestre»⁶.

Precisamente uma das realidades que mais desestabiliza o homem, colocando-o perante sua própria contingência é o fim da sua existência. «O homem tem medo da morte. O homem se defende da morte e a sociedade tenta defendê-lo da morte»⁷. O ser humano sofre com a dissolução progressiva do seu corpo já que seu maior tormento é seu próprio desaparecimento perpétuo. Sua própria natureza resiste submeter-se à perspectiva de uma ruína total e de um adeus definitivo.

«A semente de eternidade que leva dentro de si, irredutível a só matéria, insurge-se contra a morte. Todas as conquistas da técnica, ainda que utilíssimas, não conseguem acalmar a angústia do homem. Pois a longevidade, que a biologia lhe oferece, não satisfaz o desejo de viver sempre, que existe inelutavelmente em seu coração»⁸. Justamente, essa rebeldia e ansiedade, o leva a buscar respostas aos seus questionamentos existenciais e o sentido da sua vida.

⁴ S.S. Juan Pablo II, *Saudação às autoridades civis e aos representantes do mundo da indústria e a toda a população*, Turim, 13/4/1980.

⁵ S.S. Juan Paulo II, *Homilia na Missa Solene no átrio da Catedral de Turim*, 13/4/1980,2.

⁶ *Gaudium et spes*,10.

⁷ S.S. Juan Paulo II, *Homilia na Missa Solene no átrio da Catedral de Turim*, 13/4/1980,3.

⁸ *Gaudium et spes*, 18.

Desde que o ser humano se entende por ser humano, seu inquieto coração não descansará até encontrar as respostas desejadas. «São questões que tem a sua fonte comum naquela exigência do sentido que, desde sempre, urge no coração do homem: da resposta a tais perguntas depende efetivamente a orientação que se imprime à existência»⁹.

1.c. O Santo Lençol na alvorada do novo milênio

«Sem dúvida, nossa época é a que mais escreveu e falou sobre o homem. Época dos humanismos e dos antropocentrismos. No entanto, paradoxalmente é também a época das mais profundas angústias do homem em relação a sua identidade e destino, do abaixamento do homem até níveis insuspetáveis, época de valores humanos distorcidos como jamais foram antes»¹⁰.

Quando olhamos a humanidade que inicia o seu peregrinar neste novo milênio, comprovamos a terrível vigência da profética descrição realizada pelo Papa João Paulo II em 1979. O consumismo, o secularismo, as ideologias setoriais, a mudança dos paradigmas culturais, o esquecimento deliberado de Deus na vida cotidiana; são correntes de pensamento que têm uma enorme vigência social que não pode ser de maneira nenhuma desvalorizada. São manifestações daquilo que se conhece como *cultura de morte*¹¹. A mesma globalização, com enorme ambigüidade, leva ao perigo da hegemonia cultural e econômica que pode incidir sobre os povos menos desenvolvidos e mais dependentes.

Existe também o risco que o desenvolvimento tecnológico fomenta uma “ideologia do progresso” que, desconhecendo o caráter instrumental da tecnologia, leva a não necessitar de Deus, como se ela pudesse resolver por si mesma os problemas fundamentais da humanidade. O documento *Gaudium et spes*, do Concílio Vaticano II, denuncia claramente esta indiferença e apatia diante de Deus: «Mas muitos dos nossos contemporâneos não percebem de modo algum esta união íntima e vital com Deus ou explicitamente a rejeitam»¹². Esta atitude diante do Criador se institucionaliza na cultura cada vez mais, junto com um relativismo ético que afeta gravemente a vida cotidiana das pessoas e imprime um acento libertino a nossa cultura hodierna.

Em um mundo que vive submetido à chamada “cultura da imagem”¹³ na qual tudo «pode ser uma notícia ou uma imagem. O importante é que chame a atenção de todos e consiga comovê-los, seja num sentido positivo ou negativo...A excitação e a apatia são as categorias que passaram a ocupar o lugar que antes desempenhavam as categorias de

⁹ S.S. Juan Pablo II, *Fides et ratio*, 1.

¹⁰ S.S. Juan Pablo II, *Discurso inaugural aos participantes da III Conferencia Geral do Episcopado Latino americano em Puebla*, 28/1/79, I, 9.

¹¹ «Reconhecemos a dramática situação em que o pecado coloca o homem. Porque o homem criado bom, a imagem do mesmo Deus, senhor responsável da criação, ao pecar rompeu sua amizade com Ele, dividido em si mesmo, tendo quebrado a solidariedade com o próximo e destruído a harmonia da natureza. Aqui reconhecemos a origem dos males individuais e coletivos que lamentamos na América Latina: as guerras, o terrorismo, a droga, a miséria, as opressões e injustiças, a mentira institucionalizada, a marginalização de grupos étnicos, a corrupção, os ataques à família, o abandono de crianças e anciões, as campanhas contra a vida, o aborto, a instrumentalização da mulher, a depredação do meio ambiente, por fim, tudo o que caracteriza uma cultura de morte» (*Santo Domingo*, Conclusões 9).

¹² *Gaudium et spes*, 19.

¹³ «Nova em seus métodos. Novas situações exigem novos caminhos para a evangelização. Já que vivemos uma cultura da imagem, devemos ser audazes para utilizar os meios que a técnica e a ciência nos proporcionam, sem colocar jamais neles toda nossa confiança. Por outra parte é necessário utilizar aqueles meios que nos façam chegar o Evangelho ao centro da pessoa e da sociedade, às mesmas raízes da cultura e «não de uma maneira decorativa, como um verniz superficial» (EN 20).» (*Santo Domingo*, Conclusões 29)

racionalidade e irracionalidade»¹⁴. Neste mundo de intensas emoções, de estímulos exacerbados, de barulho permanente, onde a informação se confunde com a ficção, onde o dramatismo da vida cotidiana vai perdendo a sua densidade deixando lugar àquilo que tem uma maior ressonância interior. O ser humano se perde na busca de modelos autênticos e válidos de vida plena. Acostumados a viver rodeado de rostos que não transmitem nada, de rostos que são produtos fabricados pelas exigências do mercado, de rostos acostumados a sorrir sem motivo. É neste contexto que se apresenta de maneira serena, calma, pacífica: um rosto que tem que ser contemplado.

2. O Espelho do Evangelho

2.a. Um início necessário

Como a Igreja Católica considerou o Santo Lençol de Turim? Qual é a posição do magistério pontifício em relação ao linho de Turim? Quais são os ensinamentos do Papa João Paulo II a respeito? Com base nestas respostas, poderemos entender melhor a vigência ou não do rosto que contemplamos no Santo Lençol, e portanto o peso das nossas conclusões.

Recordemos um pouco como: «o patrimônio sagrado da fé (depositum fidei), contido na Sagrada Tradição e na Sagrada Escritura, foi confiado pelos apóstolos à totalidade da Igreja»¹⁵ e que «o ofício de interpretar autenticamente a palavra de Deus escrita ou transmitida foi confiado unicamente ao Magistério vivo da Igreja, cuja autoridade se exerce em nome de Jesus Cristo (Dei Verbum, 10), isto é, aos bispos em comunhão com o sucessor de Pedro, o bispo de Roma»¹⁶.

«O Bispo de Roma, como cabeça do colégio episcopal por vontade de Cristo, é o primeiro pregador da fé, ao que corresponde a tarefa de ensinar a verdade revelada e mostrar suas aplicações no comportamento humano»¹⁷. Esta missão é realizada «mediante uma série contínua de intervenções orais e escritas, que constituem o exercício ordinário do magistério como ensinamento das verdades que é preciso acreditar e traduzir à vida (fides et mores)»¹⁸.

Em relação ao Santo Lençol e sua vinculação aos fatos da história de Jesus, o Papa João Paulo II foi muito claro ao dizer que: «já que não se trata de uma matéria de fé, a Igreja não tem competência específica para pronunciar-se sobre estas questões»¹⁹. Certamente a possibilidade de que o lençol mortuário de nosso Senhor Jesus Cristo seja provado cientificamente, pode ajudar-nos a viver de forma mais plena nossa fé, porém não a devemos fundamentar sobre esse juízo «Que o Espírito de Deus, que habita em nosso coração, suscite em cada um, o desejo e a generosidade necessários para acolher a mensagem do Santo Lençol e fazer dele o critério inspirador da sua existência»²⁰. Justamente disso se trata.

¹⁴ Pedro Morandé Court, *Uma Modernidade aberta à amizade e ao mistério*, revista Vida e Espiritualidade, n. 30, p. 80.

¹⁵ *Catecismo da Igreja Católica*, 84.

¹⁶ *Lug. cit.*, 85.

¹⁷ S.S. Juan Paulo II, *Catequese de 10 de março de 1993*, El Credo Tomo IV/1, Vida e Espiritualidade, Lima 2001, p. 307.

¹⁸ *Lug. cit.*, p. 308.

¹⁹ S.S. Juan Pablo II, *Discurso durante a celebração da Palavra na Catedral de Turim diante da Santa Síndone*, 24/5/1998,2.

²⁰ *Lug. cit.*, 8.

Analogamente lembremos o que nos disse o Catecismo da Igreja Católica sobre as revelações privadas. «No decurso dos séculos houve revelações denominadas “privadas”, e algumas delas têm sido reconhecidas pela autoridade da Igreja. Elas não pertencem, contudo ao depósito da fé. A função delas não é “melhorar” ou “completar” a Revelação definitiva de Cristo, mas ajudar a viver dela com mais plenitude em uma determinada época da história. Guiado pelo Magistério da Igreja, o senso dos fiéis sabe discernir e acolher o que nessas revelações constitui um apelo autêntico de Cristo ou dos seus santos à Igreja»²¹.

2.b. Esclarecendo o panorama...

Até agora temos idéias que nos devem ajudar para poder aproximar-nos de maneira adequada ao Santo Lençol de Turim. Como devemos aproximar-nos dele? É um ícone? É uma relíquia? Procuremos, brevemente, esclarecer alguns termos.

«Relíquia», etimologicamente falando, significa “restos”, com referência ao corpo humano ou a parte dos mesmos. Em um sentido mais amplo se chamam relíquias também aos objetos que estiveram em contato com uma pessoa com fama de santidade. A Igreja, desde as suas origens, venerou as relíquias, primeiro dos mártires, depois, a dos santos confessores. Podemos dizer que este culto começou com o martírio de Santo Inácio de Antioquia,²² morto no ano 110.

Se a relíquia estava constituída por um cadáver inteiro, se chamava *corpus*; só por uma parte do mesmo, se dizia *ex ossibus* ou *ex capillis*. As relíquias que provêm somente do contato com o corpo se chamavam pelos antigos *brandea*, *memoriae*, *nomina*, *pignora*, *santuaria*. Os edifícios levantados sobre os sepulcros dos mártires se chamavam *basilicae* ou *ecclesiae ad corpus*, isto é, construídas precisamente no lugar do seu sepulcro. A consideração de que os objetos que provinham do contato com o sepulcro dos santos eram relíquias, facilitou de maneira extraordinária sua multiplicação e sua difusão. O culto da relíquia, com a devida autorização das autoridades eclesiásticas, se chama *relativo*, pela relação que teve com a pessoa do beato ou do santo e, finalmente, com Deus²³.

No Oriente chegou-se a fracionar os corpos dos mártires para que as bençãos, que estavam ligadas a seus santos restos, chegassem a mais pessoas. Esta prática denominou-se *transladação*. Sem dúvida nenhuma a Igreja preocupou-se muito como e com que finalidade se utilizavam as relíquias. Infelizmente, a ignorância e o aproveitamento de alguns, principalmente na Idade Média, deu origem à falsificação freqüente das relíquias.

Lemos de maneira clara no IV Concílio de Latrão (1215): «Já que freqüentemente censurou-se a religião cristã pelo fato de que colocam a venda as relíquias dos Santos e as exibem com freqüência, para que no futuro não se censure, estabelecemos pelo presente decreto que as antigas relíquias de modo algum mostrem-se fora de sua cápsula nem se exponham à venda. Em relação às encontradas novamente, ninguém ouse venerá-las publicamente, se não forem aprovadas pela autoridade do Romano Pontífice»²⁴.

Por outro lado a palavra «Ícone» provém do grego *eikon* que significa imagem histórica. Não é uma coincidência que a cultura grega aplicou este termo ao “retrato”, quer

²¹ *Catecismo de la Igreja Católica*, 67

²² Santo Inácio, bispo de Antioquia de Síria, é um dos chamados Padres apostólicos, isto é, daqueles que viveram com alguns dos apóstolos. No caminho a Roma, onde seria jogado às feras, escreveu sete cartas às Igrejas de Ásia Menor, conservadas como testemunho daquela antiga tradição.

²³ *Denzinger* 342: Concílio Romano de 933. De tal maneira adoramos e veneramos as relíquias dos mártires e confessores, que adoramos a Aquele de quem são mártires e confessores; honramos aos servos para que a honra redunde no Senhor.

²⁴ *Denzinger*, 440.

dizer, ao rosto real, concreto e histórico de uma pessoa e que não deixava lugar a fantasias pessoais. Essa palavra foi aplicada normalmente às imagens sagradas usadas na Igreja do Oriente, especialmente na Grécia e nos países eslavos.

Depois da controvérsia iconoclasta que terminou com o segundo concílio de Nicéia (787), o ícone passou a ser considerado, por uma parte, como um testemunho da encarnação e, ao mesmo tempo, um meio para expressar nossa veneração a Deus Salvador. «Na medida que são contemplados com mais frequência por meio de sua representação na imagem, tanto mais se movem os que olham a lembrança e o desejo dos originais, tributando-lhes saudações e adorações de honra não certamente a verdadeira que, segundo a nossa fé só convém a natureza divina, mas que se faz como com a figura da preciosa e vivificante cruz, com os evangelhos e com os outros objetos sagrados de culto. Dando-lhes honra e oferenda de incenso e de luzes, como foi o piedoso costume dos antigos. “Porque a honra da imagem se dirige ao original”, e quem adora uma imagem, adora a pessoa nela representada »²⁵.

Lembremos que no ano 726, Leão III, o Isáurico, proibiu o culto às imagens na chamada «guerra dos iconoclastas». Apesar da condenação feita no Concílio de Nicéia, a paz não chegou até o ano 843, quando a imperatriz Teodora restaurou definitivamente o culto às imagens e começou a busca daquelas que sobreviveram à destruição, sobre tudo dos «arceiopita»²⁶.

2.c. O que diz o magistério pontifício sobre o Santo Lençol?

Esclarecidos os termos em questão, vejamos como os Papas deste último século, fazem referência ao Santo Lençol de Turim e qual foi a sua importância. Lembremos, no entanto, que atualmente existe uma memória litúrgica do Santo Lençol, com tudo o que isso significa para o reconhecimento da sua autenticidade da Igreja, que celebra cada 4 de maio, justo um dia depois da data do descobrimento da Santa Cruz. O ofício da oração do Santo Lençol e da missa correspondente foram aprovados pelo Papa Júlio II no ano 1506.

O Papa Pío XI, Achille Ratti, em 21 de março de 1934, no dia da apresentação oficial das fotografias do Santo Lençol realizadas por Guiseppe Enrie em 1931, disse: «Vale mais esta fotografia que qualquer estudo». No dia 5 de setembro de 1936, dirigindo-se a uma peregrinação de jovens da Ação Católica que receberam uma lembrança com o Sagrado Rosto do Lençol Santo, disse: «Provém daquele objeto, ainda misterioso, mas certamente não feito pelo homem, como pode ser considerada a Santa Síndone de Turim. Dizemos que é misterioso, porque ainda é muito o mistério que envolve este Linho Santo, objeto sagrado talvez como nenhum outro na terra; mas, de acordo com tudo o que hoje consta de modo mais positivo, deixando de lado toda idéia pré-concebida de fé e piedade cristã, certamente não é obra humana»²⁷.

Enquanto se celebrava o Congresso Internacional de Sindonologia de 1950, Pío XII, dirigiu aos participantes uma mensagem de bênção, na qual ele chamava o Lençol Santo «extraordinário vestígio da Paixão do Divino Redentor» e exortava «que se procurasse uma veneração universal de tão importante relíquia». A radiomensagem feita na clausura do Congresso Eucarístico Nacional de 1936, o Santo Padre referiu-se a Turim como «a cidade do Santíssimo Sacramento que guarda como precioso tesouro a Santa Síndone, que mostra a nossa comoção e conforto à imagem do corpo e do rosto abatido de Jesus».

²⁵ *Denzinger*, 302.

²⁶ Pequeno pano não pintado por mão humana.

²⁷ *L'Osservatore Romano*, 7 – 8 de setembro de 1936.

O Papa Bom, o beato João XXIII, em 16 de fevereiro de 1956, diante dos Veneradores da Santa Síndone, que lhe apresentavam uma documentação fotográfica da relíquia, exclamou várias vezes: “*Digitus Dei est hic*” (O dedo de Deus está aqui!).

Celebrando a Santa Missa na basílica de São Pedro, em 4 de junho de 1967, o Papa Paulo VI disse: «Todos os artistas se esforçaram em traduzir as cores e as formas do rosto divino de Jesus, mas não ficamos satisfeitos. Talvez só a imagem da Santa Síndone nos ofereça algo do mistério desta figura humana e divina, um admirável documento da paixão, morte e ressurreição de Cristo escrito em caracteres de sangue».

Foi diante de milhões de telespectadores de toda Europa, em uma excepcional mensagem transmitida em 22 de novembro de 1973 pela Eurovision em razão da primeira Exposição para a imprensa e a televisão, que o mesmo Papa Paulo VI disse: «Fortuna imensa a nossa, se esta verdadeira e sobrevivente efígie da Santa Síndone nos permite contemplar o desenho autêntico da adorável figura física de Nosso Senhor Jesus Cristo, que na verdade tranqüiliza nossa avidez – hoje tão ardorosa – para conhecê-lo também visivelmente! Acaso estamos também, como os viajantes do caminho de Emaús, com os olhos tão nublados que não reconheceram a Jesus ressuscitado no peregrino que os acompanhava?... O Rosto de Cristo, ali representado, mostra-se tão verdadeiro, tão profundo, tão humano e divino, como em nenhuma outra imagem podemos admirar e venerar...Qualquer juízo histórico e científico que exigentes estudiosos chegaram a manifestar sobre esta surpreendente e misteriosa relíquia, não podemos eximir-nos de fazer votos para que esta relíquia seja útil para conduzir os visitantes não só a uma absorta observação sensível das linhas externas e mortais da maravilhosa figura do Salvador, mas também uma mais penetrante visão de seu oculto e fascinante mistério»²⁸.

O Papa João Paulo II em suas diversas visitas a cidade de Turim deixou formosas palavras. Ao descer em Turim, na sua primeira viagem no dia 13 de abril de 1980, diante da porta do santuário da Consolata e diante das autoridades italianas, o Santo Padre pronunciou seu primeiro discurso programático. Nele, depois dos cumprimentos protocolares, fez referência a sua visita pessoal quando voltava do Conclave de 1978: «Quando no início de setembro de 1978 vim a Turim, como peregrino, desejoso de venerar o Santo Lençol, insigne relíquia ligada ao mistério da nossa redenção, não podia, sem dúvida, prever, imediatamente depois da eleição do meu amado antecessor João Paulo I, que haveria de voltar, a menos de dois anos de distância com outras responsabilidades e em outro marco»²⁹.

Na homília da missa solene, no átrio da catedral de Turim, referiu-se uma vez mais ao Santo Lençol dizendo: «Além do mais, não podia ser de outra maneira (referindo-se às testemunhas da ressurreição) na cidade que guarda uma relíquia única e misteriosa, como o Lençol Santo, testemunha singular da Páscoa (se aceitamos os argumentos de tantos cientistas): da paixão, morte e ressurreição. Testemunha muda, mas ao mesmo tempo surpreendentemente eloqüente!»³⁰.

Uma semana depois, na invocação mariana do Regina Coeli, dirigido em Roma em 20 de abril de 1980, evocará sua visita à cidade de Turim nos seguintes termos: «E também à catedral de Turim: lugar onde se encontra, há muitos séculos o Lençol Santo, a relíquia mais esplêndida da paixão e da ressurreição»³¹.

²⁸ *Sindon*, 19/1974, p. 8.

²⁹ S.S. Juan Pablo II, *Saudação às autoridades civis e aos representantes do mundo da indústria e a toda a população*, Turim, 13/4/1980.

³⁰ S.S. Juan Pablo II, *Homília da Missa Solene no átrio da Catedral de Turim*, 13/4/1980,6.

³¹ S.S. Juan Pablo II, *Alocución Dominical en el Regina Coeli laetare*, 20/4/ 1980,1.

Passados dezoito anos em comemoração aos 500 anos da consagração da Catedral de Turim, do primeiro centenário da Ostensão de 1898 e do aniversário da primeira fotografia que contribuiu de modo determinante ao início das investigações científicas sobre o Santo Lençol; realizou-se em 1998 uma Ostensão pública. Por esse motivo o Papa João Paulo II novamente fez uma viagem pastoral à arquidiocese de Turim. Na sua visita o Santo Padre fez referência diversas vezes ao Santo Linho, sendo o momento mais importante seu discurso durante a celebração da liturgia da Palavra na catedral de Turim diante do Lençol Santo.

De manhã, durante a missa da beatificação de três servos de Deus na praça Vittorio Veneto faz menção por duas vezes ao Santo Lençol. «Trata-se de uma perspectiva que nos permite compreender melhor a mensagem do Lençol Santo, ícone comovente da paixão de Cristo. Dou graças ao Senhor porque me deu a oportunidade de voltar a Turim para contemplar esta tarde, uma vez mais, este extraordinário testemunho dos sofrimentos de Cristo... O Santo Lençol! Que eloqüente mensagem de sofrimento e amor, de morte e vida imortal! Permite-nos compreender as condições através das quais passou Jesus antes de subir aos céus. Este preciosíssimo linho, com sua eloqüência dramática, nos oferece a mensagem mais significativa para nossas vidas: a fonte de toda existência cristã é a redenção que nos trouxe o Salvador, que assumiu nossa condição humana, sofreu, morreu e ressuscitou por nós. O Santo Lençol nos fala de tudo isso. É um testemunho único»³².

O mesmo dia, pela tarde, o Santo Padre vai a catedral de Turim venerar o Santo Lençol. Primeiro adorou o Santíssimo Sacramento permanecendo em oração um momento na capela da Natividade. Logo reza em silêncio diante do Santo Lençol e logo depois preside a Liturgia da Palavra.

São diversas as formas como o Santo Padre faz referência ao Santo Lençol. Algumas serão menções diretas, isto é, descrevendo o que é o Santo Lençol; e outras serão menções daquilo que representa a mensagem que ele transmite. Começa seu discurso referindo-se ao «precioso linho que nos ajuda a compreender melhor o mistério de amor que o Filho de Deus tem por nós»³³ já que é uma «imagem comovedora de uma dor indescritível»³⁴. Por este dom o Santo Padre agradece ao Altíssimo. Para o Santo Padre é o «espelho do Evangelho»³⁵ já que o linho «tem uma relação tão profunda com tudo que narram os evangelhos sobre a paixão e morte de Jesus»³⁶ e «assim, o Santo Lençol constitui um sinal verdadeiramente singular que remete a Jesus»³⁷.

Na parte final de seu discurso refere-se ao Santo Lençol como «ícone de Cristo abandonado na condição dramática e solene da morte»³⁸. Termina dizendo que «o Lençol Santo nos apresenta Jesus no momento de sua máxima impotência, e nos lembra que na anulação dessa morte está a salvação do mundo inteiro»³⁹.

Certamente, depois deste breve percurso pelas menções mais importantes dos Papas do século XX, podemos fazer algumas conclusões: o Santo Lençol de Turim foi chamado pelo Magistério Pontifício ordinário relíquia. Isto significa que pertenceu ou esteve em contato direto com nosso Senhor Jesus Cristo. Não só foi reconhecido expressamente

³² S.S. Juan Pablo II, *Homilia durante a missa de beatificação de três servos de Deus na Praça Vittorio Veneto*, 24/ 5/ 1998, 5.

³³ S.S. Juan Pablo II, *Discurso durante a celebração da Palavra na Catedral de Turim diante da Santa Síndone*, 24/5/1998,1.

³⁴ *Lug. cit.*, 1.

³⁵ *Lug. cit.*, 3.

³⁶ *Lug. cit.*,3.

³⁷ *Lug. cit.*,3.

³⁸ *Lug. cit.*,7

³⁹ *Lug. cit.*,8.

pelo atual pontífice senão que também venera-se de maneira explícita através de uma memória litúrgica. No entanto é importante considerar a forma como o Santo Padre referiu-se ao Santo Lençol na sua última Ostensão pública. Nessa oportunidade não a chamou publicamente relíquia.

3. Um Rosto para contemplar

«É Cristo mesmo que imprimiu-se neste lençol funerário. E se não é Cristo, quem poderia ser? Talvez um condenado por um delito comum? Mas então, como conciliar tudo o que foi dito com a expressão admirável de nobreza que se lê nesta figura?»⁴⁰. Assim concluiu o Dr. Yves Delage, ateu e livre pensador, a sua famosa conferência na Academia de Ciências na Sorbone em 22 de abril de 1902.

Existe sem dúvida nenhuma uma mensagem paradoxal no Santo Lençol. De um lado sabemos que são as marcas de um homem que sofreu as terríveis e atrozes torturas de um condenado a morte por crucificação. No entanto, o rosto do homem do linho de Turim não corresponde ao semblante de uma pessoa desesperada, nem de um criminoso condenado a um terrível flagelo e morto de maneira terrível e violenta. Pelo contrário, o rosto nos abre, pouco a pouco, a realidade do mistério.

Ao contemplar a imagem do Santo Lençol experimentamos aquilo que Daniel Rops descreve. «Este rosto é surpreendente, quase sobre humano. Um rosto tal como desejaríamos contemplar a Cristo na eternidade»⁴¹. Podemos dizer, como Paulo VI, que é um rosto de Cristo que se mostra tão verdadeiro, tão profundo, tão humano e divino, como em nenhuma outra imagem podemos admirar e venerar.

3.a. O que nos revela Jesus Cristo?

Retomando os questionamentos iniciais. O que Cristo revela ao homem contemporâneo? O que pode dizer ao homem de hoje? Vimos na primeira parte da nossa exposição como o homem, imerso em um mundo onde prima o esquecimento de Deus, o relativismo da verdade e a apatia diante da profundidade da vida, deseja e busca respostas para as suas mais profundas inquietações e fragilidades. «Enquanto, de uma parte, porque criatura, experimenta-se limitado de muitas maneiras, por outra parte, porém, sente-se ilimitado nos seus desejos e chamado a uma vida superior»⁴².

É por isso que Deus, que é um Pai Amoroso, sai ao encontro de sua mais amada criatura. «Deus procura o homem, que é sua particular propriedade, de uma maneira diversa de como o é qualquer outra criatura. Aquele é propriedade de Deus na base de uma opção de amor: Deus procura o homem, impelido pelo seu coração de Pai»⁴³. Ao encarnar-se no seio da Virgem Maria tudo é criado novamente, tudo encontra seu verdadeiro, pleno e definitivo sentido.

«De fato, "o Verbo de Deus, tendo assumido a natureza humana em tudo, à exceção do pecado (cf. Hb 4, 15), manifesta o plano do Pai de revelar à pessoa humana o modo de chegar à plenitude da própria vocação [...]. Desta forma, Jesus não só reconcilia o homem com Deus, mas o reconcilia também consigo próprio, revelando-lhe a sua própria natureza" (Gaudium et spes, 22). Com estas palavras, os Padres Sinodais, na esteira do Concílio Vaticano II, reafirmaram que Jesus é o caminho a ser seguido para se alcançar a plena realização pessoal, cujo ponto culminante é o encontro definitivo e eterno com Deus.

⁴⁰ *Revue Scientifique*, 31 mayo de 1902.

⁴¹ *Daniel Rops*, Breve Historia de Cristo Jesus, p. 82

⁴² *Gaudium et spes*, 10.

⁴³ S.S. João Paulo II, *Tertio millennio adveniente*, 7.

"Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por Mim " (Jo 14, 6). Deus nos " predestinou para ser conforme a imagem do seu Filho, a fim de que Este seja o primogênito entre muitos irmãos " (Rm 8, 29). Jesus Cristo é, portanto, a resposta definitiva à pergunta a cerca do sentido da vida, às questões fundamentais que inquietam hoje tantos homens e mulheres do Continente Americano»⁴⁴.

O Verbo Encarnado, ao ser Deus e Homem de maneira plena, vai revelar ao homem qual é o sentido da sua existência, qual é o Plano do Pai; manifestando assim sua identidade e sua missão. «O mistério do homem só se torna claro verdadeiramente no mistério do Verbo encarnado»⁴⁵. Será Ele a resposta às perguntas que acossam e cansam seu coração, revelando-lhe quem é; para assim poder responder a sua própria natureza, feita a imagem e semelhança de Deus.

Jesus vai reconciliar e curar tudo o que estava ferido e corrupto desde aquela primeira e nefasta rebeldia da criatura ao seu Criador que é o pecado original. Reconciliando o homem com Deus, consigo mesmo, com os seus irmãos; revelar ao homem a sua verdadeira natureza: foi criado para amar e viver plenamente a dimensão da comunhão – encontro.

3.b. Mostra-nos teu Rosto

A pergunta que agora devemos fazer é: como e onde nós podemos encontrar com Jesus? De que forma podemos experimentar essa proximidade com o Filho de Deus? O Santo Lençol é um meio adequado e válido para contemplar o rosto de Jesus e assim encontrar-nos com Ele?

Certamente a fé, dom e virtude sobrenatural, nasce do encontro pessoal com o Senhor da Vida. Esta virtude não é tão fácil de alcançar já que nem para os apóstolos acreditar no Ressuscitado foi fácil. Lembremos como o apóstolo Tomé acreditou somente depois de ter comprovado pessoalmente o prodígio que seus irmãos compartilharam. «Na realidade, por mais que se olhasse e tocasse o seu corpo *só a fé podia penetrar plenamente no mistério daquele rosto*»⁴⁶. Esse é o caminho que somos chamados a percorrer: «A Jesus só se chega verdadeiramente pelo caminho da fé»⁴⁷.

É fácil constatar como o tema da “contemplação do rosto de Cristo” é um tema freqüente e reiterativo no magistério de sua santidade João Paulo II. Por isso deve ser proposto novamente com força e convicção para proporcionar um sólido fundamento teológico aos diversos projetos pastorais em favor da Nova Evangelização.

Ao longo da história da salvação vemos como o homem quis ardentemente, contemplar o rosto do seu Deus . «Meu coração diz a teu respeito: “Procura sua face!” É tua face. Javé, que eu procuro, não escondas tua face»⁴⁸. O rosto do Senhor é mortalmente temível para o homem (Jz 13,22; Ex 33,20) por causa do seu pecado (Is 6,5; Sl 51,11); no entanto é vida e salvação. «Sim, Javé é justo, ele ama a justiça. E os corações contemplarão sua face»⁴⁹. Excepcionalmente o ponto mais alto é o atrevido pedido de Moisés: «Me mostres a tua face»⁵⁰. Que só poderá ser atendido parcialmente por Deus, já

⁴⁴ S.S. João Paulo II, *Ecclesia in America*, 10.

⁴⁵ *Gaudium et spes*, 22.

⁴⁶ S.S. João Paulo II, *Novo millenio ineunte*, 19.

⁴⁷ *Lug. cit.*, 19.

⁴⁸ *Salmo 27 (26)*, 8-9.

⁴⁹ *Salmo 11 (10)*, 7.

⁵⁰ *Êxodo 33*, 18.

que «Não poderás ver a minha face, porque o homem não pode ver-me e continuar vivendo»⁵¹.

Na Encarnação do Verbo, Deus se faz um de nós e adquire uma linguagem e um rosto concreto. Jesus mesmo nos diz: «Se me conheceis também conhecereis a meu Pai»⁵². A beleza do rosto de Cristo será o reflexo de sua própria divindade e humanidade expressadas por meio de “obras” e “palavras”⁵³. Sua palavra não será menos importante que o seu olhar, porque um como outra remetem à realidade do *Logos Encarnado* no mundo.

O antigo anseio de «encontrar-se cara a cara com Deus» não podia ter recebido resposta melhor e mais surpreendente que a contemplação do rosto de Cristo. «NEle, Deus nos abençoou verdadeiramente, fazendo “resplandecer sobre nós a luz do seu rosto” (*Sal* 6766,2). Sendo ao mesmo tempo Deus e homem, Ele revela-nos também o rosto autêntico do homem, “revela o homem a si mesmo” (*Gaudium et spes*,22)»⁵⁴.

Nesse sentido nos diz o Santo Padre: «Além disso, quem se aproxima ao Santo Lençol tem consciência que o seu coração não se detem propriamente nele, senão que remete a Aquele que está ao serviço da Providência amorosa do Pai... Assim, o Santo Lençol constitui um sinal verdadeiramente singular que remete a Jesus, a Palavra verdadeira do Pai, e convida a confiar a própria vida a aquele que se entregou a si mesmo por nós »⁵⁵.

3.c. O Rosto doloroso

Na sua carta apostólica, *Novo millenio ineunte*, o Papa João Paulo II, nos convida a nos aproximar de duas formas à contemplação do Rosto do Filho: o Rosto doloroso e o Rosto do Ressuscitado. «E assim a nossa contemplação do rosto de Cristo trouxe-nos até ao *aspecto mais paradoxal do seu mistério*, que se manifesta na hora extrema — a hora da Cruz. Mistério no mistério, diante do qual o ser humano pode apenas prostrar-se em adoração»⁵⁶.

Ao nos aproximarmos do Rosto doloroso do Senhor Crucificado nos deparamos com a agonia do horto, com a taça do sofrimento, com o grito “*¡Elí, Elí, lema sabactaní?*”, com o desprezo e o abandono dos amigos, com a fidelidade de muito poucos, com o silêncio do Pai...O preço para devolver ao homem novamente seu verdadeiro rosto, o rosto de Deus Pai; era que Jesus assumisse de maneira total o rosto do homem, inclusive que carregasse com o “rosto do pecado”. No entanto se identifica com nosso pecado, o grito de angústia de Jesus nos revelará uma enorme solidão e abandono. No entanto, na maior escuridão, o Crucificado se abandona totalmente a proteção do Pai: « “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito”. Dizendo isso expirou»⁵⁷.

Na imagem dolorosa do crucificado podemos ver a nossa própria dor. Imagem do sofrimento humano, ícone do sofrimento do inocente de todos os tempos, das inúmeras tragédias que marcaram a história da humanidade, nos diz o Santo Padre ao referir-se ao Santo Lençol em seu discurso na catedral de Turim. «Ao invocar essas situações dramáticas, o Santo Lençol não nos impulsiona a sair do nosso egoísmo; mas também nos

⁵¹ *Êxodo* 33,20.

⁵² *João* 14,9.

⁵³ *Ver Dei Verbum*, 2.

⁵⁴ S.S. João Paulo II, *Novo millenio ineunte*, 23.

⁵⁵ S.S. Juan Pablo II, *Discurso durante a celebração da Palavra na Catedral de Turim diante da Santa Síndone*, 24/5/1998,3.

⁵⁶ S.S. João Paulo II, *Novo millenio ineunte*, 25.

⁵⁷ *Lucas* 23,46.

leva a descobrir o mistério da dor que, santificado pelo sacrifício de Cristo, gera salvação para toda a humanidade»⁵⁸.

O Santo Lençol nos convida a contemplar o mistério do amor de um Deus que se encarna e que morre pela reconciliação da sua criatura. «Nos convida a redescobrir a última causa da morte redentora de Jesus»⁵⁹. Justamente esta consciência nos leva a afastar-nos da terrível realidade do pecado. «O Lençol Santo, fazendo-se eco da palavra de Deus e dos séculos de consciência cristã, sussurra: acredita no amor de Deus, o maior tesouro entregue a humanidade, e foge do pecado, a maior desgraça da história»⁶⁰.

3.d. O Rosto do Ressuscitado

Certamente a contemplação do Crucificado não pode reduzir-se ao rosto da Sexta-feira da Paixão. Ele ressuscitou! Se não fosse isto verdade nossa fé não teria sentido.⁶¹ A ressurreição é a resposta do Pai à obediência do Filho: «É ele que, nos dias de sua vida terrestre, apresentou pedidos e súplicas, com veemente clamor e lágrimas, àquele que o podia salvar da morte; e foi atendido por causa da sua submissão. E embora fosse Filho, aprendeu, contudo, a obediência pelo sofrimento; e levado à perfeição se tornou para todos os que lhe obedecem princípio de salvação eterna»⁶².

Agora, lemos na Novo millenio ineunte, como a Igreja, contemplando o Cristo ressuscitado, se lança, a semelhança dos primeiros discípulos, a anunciar a Boa Nova a todo o mundo. «Os discípulos ficaram cheios de alegria por verem o Senhor»⁶³. Esta simples e profunda frase nos fala daquela realidade tão esperada pelos discípulos e por todos nós. O Senhor ressuscitou, agora a vida tem sentido. Se venceu a morte. «Sim. A única chave contra “a morte do homem” Ele a possui. A testemunha de Deus vivo: “o primeiro, o último e o que vive”»⁶⁴.

O Santo Padre nos disse que: «precisamente nestes tempos em que vivemos, em que se criou a perspectiva da “morte do homem” nascida da “morte de Deus ” no pensamento humano, na consciência humana, no fazer humano, precisamente estes tempos exigem, de modo particular, a verdade sobre a ressurreição do Crucificado. Exige também o testemunho da ressurreição, que seja mais eloqüente que nunca»⁶⁵.

Justamente, desde esse olhar de fé, que o rosto doloroso e sereno do Santo Lençol não fez senão que: «lembramos da vitória de Cristo, nos comunica a certeza de que o sepulcro não é o último fim da existência. Deus nos chama à ressurreição e a vida imortal»⁶⁶. Nos disse Mons. Rino Fisichella, bispo auxiliar de Roma: «No rosto do crucificado podemos reconhecer a nossa dor; no entanto no esplendor da sua glória de ressuscitado vemos abolido todo limite e a mesma morte com perspectivas a uma vida que durará sempre »⁶⁷.

⁵⁸ S.S. Juan Paulo II, *Discurso durante a celebração da Palavra na Catedral de Turim diante da Santa Síndone*, 24/5/1998,4.

⁵⁹ *Lug. cit.*, 5.

⁶⁰ *Lug. cit.*, 5.

⁶¹ Ver *1Co* 15,14.

⁶² *Hebreus* 5,7-9.

⁶³ *João* 20,20.

⁶⁴ S.S. Juan Pablo II, *Homilia na Missa Solene no átrio da Catedral de Turim*, 13/4/1980,6.

⁶⁵ *Lug. cit.*, 5.

⁶⁶ *Lug. cit.*,6.

⁶⁷ Mons. Rino Fisichella, *Contemplar o Rosto de Cristo*, L'Osservatore Romano, 24 de agosto de 2001, p. (439) 11.

4. Pelos caminhos de Deus

«A proximidade do acontecimento jubilar suscita, além disso, um crescente interesse daqueles que estão em busca de um sinal propício que nos ajude a descobrir as feições da presença de Deus em nosso tempo»⁶⁸.

Os caminhos de Deus são misteriosos mas são os caminhos certos. Para o homem deste novo milênio constitui uma pedra de escândalo ao deparar-se com essas “feições da presença do Deus vivo em nosso tempo” impregnados no Santo Lençol de Turim. Descobrir-se diante de uma realidade que vai além dos limitados e estreitos limites que sua própria razão, exige-lhe uma verdadeira atitude de humildade⁶⁹, de contemplação e de autêntica conversão.

«Interiormente impressionado e comovido ao contemplá-lo»⁷⁰, vendo esse Rosto doloroso e ressuscitado, vivo e vencedor; o homem poderá entender como: «O encontro com o Senhor gera uma profunda transformação em todos aqueles que não se fecham a Ele. O primeiro impulso que nasce dessa transformação é comunicar aos outros a riqueza descoberta neste encontro»⁷¹.

É o caminho da esperança, que somos chamados a percorrer neste novo tempo, que se abre diante da Igreja como um imenso oceano. «Agora Cristo, por nós contemplado e amado, convida uma vez mais a colocarmo-nos a caminho: « Ide, pois, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo » (Mt 28,19). O mandato missionário introduz-nos no terceiro milênio, convidando-nos a ter o mesmo entusiasmo dos cristãos da primeira hora»⁷².

4.a. Horizonte de esperança

Neste novo milênio somos chamados a “dar razão da nossa fé e da nossa esperança” a um mundo que necessita de testemunhos vivos que manifestem que Cristo é real, que o amor de Deus é real e que salva. «Esta vitoriosa experiência pascal nasce da certeza de que Cristo morreu e ressuscitou por nós, isto é, para oferecer ao homem o significado autêntico da existência, para ser pedra angular da história, luz das trevas do extravio intelectual e moral, salvação de toda a humanidade, incansavelmente desejosa de paz e felicidade»⁷³, nos disse o Santo Padre na sua primeira visita a Turim.

O Santo Lençol de Turim nos remete a essa realidade: a morte foi vencida. O homem tem uma esperança. Há um rosto concreto que me fala forte e me responde com o seu próprio testemunho: «Eu vos disse tais coisas para terdes paz em mim. No mundo tereis tribulações, mas tende coragem eu venci o mundo!»⁷⁴.

⁶⁸ S.S. João Paulo II, *Incarnationis Mysterium*, 3.

⁶⁹ «La verdad huye del entendimiento que no encuentra humilde». San Gregorio Magno; Homilía 18, sobre los Evangelios.

⁷⁰ S.S. Juan Pablo II, *Discurso durante a celebração da Palavra na Catedral de Turim diante da Santa Síndone*, 24/5/1998, 3.

⁷¹ S.S. João Paulo II, *Eclessia in America*, 68.

⁷² S.S. João Paulo II, *Novo millenio ineunte*, 58.

⁷³ S.S. Juan Pablo II, *Saudação às autoridades civis e aos representantes do mundo da indústria e a toda a população*, Turim, 13/4/1980.

⁷⁴ *João* 16,33.

Somente através do encontro com Jesus Cristo vivo poderemos viver o horizonte da Nova Evangelização que o Santo Padre nos convida a viver. «Em atitude de abertura à unidade, fruto de uma autêntica comunhão com o Senhor ressuscitado, as Igrejas particulares e nelas cada um dos seus membros descobrirão, através da própria experiência espiritual, que o " encontro com Jesus Cristo vivo " é " caminho de conversão, de comunhão e de solidariedade ". E, na medida em que estas metas forem alcançadas, tornar-se-á possível uma dedicação sempre maior à nova evangelização da América»⁷⁵.

⁷⁵ S.S. João Paulo II, *Ecclesia in America*, 7.